



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



OFICINAS SOBRE ALEITAMENTO MATERNO PARA GESTANTES INDÍGENAS EM DOURADOS-MS, BRASIL

Ciencia, Tecnología y Sociedad

**SILVA, J.B.¹; MARCHEWICZ, T.A.S.¹; SILVA, F.B.¹; AFONSO, L.C.R.²; VICENTINI, A.P.³;
SOUZA, M.C.C.³**

¹Acadêmica do curso de Nutrição da UFGD, Dourados, MS. jussarab_ddos@hotmail.com;

²Nutricionista do Hospital e Maternidade Porta da Esperança; ³Professora do Curso de
Nutrição da UFGD, Dourados, MS.

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS – Brasil, mariasouza@ufgd.edu.br

RESUMO

A população indígena do estado de Mato Grosso do Sul é a segunda maior do país, e o município de Dourados comporta 11% da população indígena do estado, distribuídas em cinco aldeias na periferia da cidade e zona rural. Esta população vive uma situação de insegurança alimentar com ingestão inadequada de nutrientes, monotonia alimentar, tendência à diminuição do aleitamento materno e apresenta baixo peso e altos índices de anemia principalmente em crianças e mulheres em idade reprodutiva. A lactação é um processo que acompanha as mulheres desde as origens da raça humana, sendo o leite materno a principal fonte de nutrientes no primeiro ano de vida. Portanto, a duração e exclusividade do aleitamento influenciam fortemente o crescimento e desenvolvimento de lactentes. Diante da importância da prática do aleitamento materno exclusivo para o desenvolvimento da criança, foram implantadas oficinas direcionadas às gestantes indígenas atendidas no Hospital e Maternidade Porta da Esperança que atende a população indígena na Missão Evangélica Caiuá no município de Dourados, MS. Estas oficinas objetivam estimular a prática do aleitamento materno exclusivo até os seis meses e a manutenção do mesmo até os dois anos de idade, conforme orientação do Ministério da Saúde. São apresentados, de forma lúdica, conceitos básicos sobre o aleitamento materno, destacando a necessidade e os benefícios dessa prática no crescimento saudável do bebê. Foram criados materiais educativos representativos dos principais pontos trabalhados nas oficinas, como o aleitamento exclusivo, o crescimento e desenvolvimento do lactente, as posições adequadas para o aleitamento, a saúde materna, dentre outros. As gestantes que se encontram no hospital para fazerem ultra-som são convidadas a participar dos encontros,



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



onde recebem as informações e participam através de perguntas e troca de experiências. A proposta tem se mostrado positiva para as gestantes pela satisfação observada nas mesmas com a participação nas oficinas.

INTRODUÇÃO

No Brasil, existem aproximadamente 220 povos indígenas, falantes de 180 línguas, revelando elevada diversidade ecológica, sociocultural, política e econômica, reflexo de constituições sociais e trajetórias históricas próprias. Há grupos vivendo ainda em isolamento e etnias com grande integração com a sociedade não indígena. Esta diversidade inviabiliza análises genéricas em relação ao perfil de saúde e nutrição desses povos, pois corresponde a estratégias distintas em relação à utilização dos recursos naturais e à capacidade de produção e aquisição de alimentos. (SALVO et al., 2009).

Historicamente, o processo de interação dos indígenas com a sociedade nacional vem associado a profundas mudanças ecológicas, sociais e econômicas, que podem trazer consequências diretas sobre os padrões nutricionais (LEITE, 2006).

A população indígena do estado de Mato Grosso do Sul é a segunda maior do país, superado apenas pelo estado do Amazonas (MIRANDA, 2007). Dados da FUNASA referem que o estado totaliza 67.914 índios de diferentes etnias (FUNASA, 2007).

O município de Dourados, a sudoeste do estado, comporta 11% da população indígena do estado (aproximadamente 11.300 índios), distribuídas em cinco aldeias na periferia da cidade e zona rural. As principais etnias são os Kaiowás, Nhandeva e Terenas (SANTOS; ESCOBAR, 2005).

Existem, dados escassos sobre a situação nutricional desse grupo. Estão disponibilizados estudos acadêmicos que não permitem uma caracterização do perfil nutricional e de crescimento dos povos indígenas (FUNASA, 2007).

Segundo Ribas e colaboradores (2001), esta população vive uma situação de insegurança alimentar com ingestão inadequada de nutrientes, monotonia alimentar e tendência à diminuição do aleitamento materno.

O contato com a civilização urbana levou essa população a consumir "comida do branco" - alimentos industrializados - e a uma redução da atividade física, pois o que antes era obtido pela caça, pesca e agricultura de subsistência - plantavam-se milho, mandioca, banana, amendoim, cana, batata-doce, abacaxi e coletava-se mel - passou a ser adquirido



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



pelo trabalho remunerado nos centros urbanos ou na produção e venda de artesanatos. Um exemplo dessa transição cultural foi observado nos Xavante de Mato Grosso, com a queda no consumo de alimentos cultivados e um aumento dos industrializados - açúcares, café, óleo de cozinha, farinha de trigo, sal, pão, biscoitos, refrescos em pó, refrigerantes e balas (MOURA et al., 2010).

Dessa forma, o consumo inadequado de alimentos, em termos qualitativos e quantitativos, pode ter contribuído para o desenvolvimento de subnutrição, diarreia, desidratação, anemia e aumento da mortalidade infantil (MOURA et al., 2010).

Vários estudos demonstram baixo peso e uma possível desnutrição crônica na população indígena infantil (SANTOS, 1993; ESCOBAR et al., 2003; MENEGOLLA et al., 2006; LEITE et al., 2006).

A lactação é um processo que acompanha as mulheres desde as origens da raça humana. A amamentação se inicia logo após o nascimento do bebê e se prolonga por determinação dos costumes locais – regionais até os primeiros anos de vida, apesar da queda na produção de leite após os 12 meses.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Ministério da Saúde preconizam o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade e, depois dessa idade, que os lactentes recebam alimentos complementares, mas continuem com o leite materno até os dois anos.

As práticas apropriadas de alimentação são de fundamental importância para a sobrevivência, crescimento, desenvolvimento, saúde e nutrição dos lactentes em qualquer lugar. Nessa ótica, o aleitamento materno exclusivo é de crucial importância para que se obtenham bons resultados.

O leite materno constitui a principal fonte de nutrientes no primeiro ano de vida. Portanto, a duração e exclusividade do aleitamento é de crucial importância para o crescimento de lactentes (SILVA et al., 2005; SPYRIDES et al., 2008).

O aleitamento materno traz benefícios nutricionais, imunológicos, emocionais, dentários e socioeconômicos. O aleitamento materno exclusivo até os seis meses é o ideal, pois a introdução precoce de outros alimentos interfere negativamente na absorção de nutrientes e em sua biodisponibilidade, levando a uma menor ingestão de leite materno, menor ganho ponderal e ao aumento do risco de diarreias, infecções respiratórias e alergias (SILVA et al., 2005).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



A amamentação, além de exercer um efeito protetor contra doenças no início da vida do lactente, parece reduzir também o risco de doenças crônicas, como as auto imunes, celíaca, de Crohn, colite ulcerativa, linfoma, *diabetes mellitus* e alergia alimentar, entre outras. No entanto, sabe-se que a lactação oferece vantagens não só ao bebê, mas também à mãe, à família e ao Estado (MARQUES et al., 2011).

Com relação aos benefícios do aleitamento materno para a nutriz, sabe-se que a prática parece reduzir alguns tipos de fraturas ósseas, câncer de mama e de ovários, além de diminuir o risco de morte por artrite reumatoide. No que se refere à família, as vantagens da amamentação estão relacionadas com o custo, a praticidade e o estímulo ao vínculo do binômio mãe-filho. Para o Estado, a principal vantagem do aleitamento materno é seu baixo custo, comparado com a alimentação da criança com fórmulas infantis ou com outros tipos de leite (MARQUES et al., 2011).

Por todos esses fatores, a lactação é considerada uma prática fundamental para promoção, proteção e apoio à saúde de crianças, sendo esta recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde (MS).

Diversos estudos relatam os prejuízos causados às crianças alimentadas precocemente com fórmulas infantis e /ou com leites de outras espécies que não a humana. A substituição do leite materno pode comprometer a saúde da criança, quer nos países desenvolvidos, com a ocorrência de doenças alérgicas e metabólicas, quer nos países em desenvolvimento, com o aumento da morbidade e mortalidade entre os menores de um ano (NEJAR et al., 2004).

Entende-se que a implantação de ações de incentivo ao aleitamento materno no Programa Saúde da Família (PSF), com atuação efetiva de equipes de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em serviços domiciliares, representa melhores oportunidades para divulgação, apoio e promoção do aleitamento materno, contribuindo para a intensificação desta prática entre crianças menores de seis meses (BRECAILO et al., 2010).

Porém, apesar da conveniência, a mamadeira vem prevalecendo ao aleitamento materno.

As mudanças de hábitos alimentares constituem-se em desafio para os profissionais da área de alimentação e nutrição, especialmente em populações que possuem costumes arraigados como a indígena.

Nessa população ocorreu uma substituição, mesmo que parcial, de alimentos tradicionais por alimentos como arroz polido, macarrão, refrigerantes, pão e guloseimas.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Quando se trata de alimentação de populações vulneráveis, é importante levar em consideração o respeito à diversidade e uma construção coletiva em busca da transformação de hábitos e atitudes.

Não obstante, os profissionais de saúde tendem a considerar a amamentação como um ato natural, valorizando apenas seu aspecto biológico e social. Assim, faz-se necessário que eles identifiquem com a lactante suas necessidades, seus mitos e crenças adquiridas através da cultura para que compreendam a lactação sobre os olhos e perspectivas da nutriz, e que, conseqüentemente, permitam-lhes conhecer os fatores que interferem na duração e na manutenção do aleitamento, possibilitando aos profissionais atuar mais eficazmente na resolução dos problemas, prolongando a duração da lactação (MARQUES et al., 2011).

Considerando a grande mudança de hábitos alimentares, que afeta desde o início da vida e leva ao desmame precoce das crianças indígenas antes de completarem seis meses de vida, culminando no maior risco de desenvolvimento de desnutrição dessas crianças, buscou-se alternativas para estimular as gestantes na manutenção do aleitamento materno através da realização de oficinas. De forma que esse costume volte a ser priorizado na cultura indígena, visto que o leite materno é de suma importância para o crescimento e desenvolvimento saudável do bebê, já que é a principal fonte de nutrientes no primeiro ano de vida.

MATERIAIS E METÓDOS

O local de estudo é o Hospital e Maternidade Porta da Esperança da Missão Evangélica Caiuá localizado na zona rural da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. O hospital presta assistência de saúde a indígenas de Dourados e região com atendimento ambulatorial e secundário. Além disso, conta com um aparelho de ultra-som (US), utilizado para atendimento das gestantes durante o pré-natal.

Nos dias que as gestantes procuram o serviço para o US (terças e quintas feiras) são desenvolvidas oficinas de orientação e estímulo ao aleitamento materno, no período matutino, de 9:30 às 10:30 horas. As oficinas foram iniciadas em novembro de 2010 e são conduzidas pelas acadêmicas do curso de Nutrição da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), participantes do projeto de extensão *Assistência de Nutrição na Missão Evangélica Caiuá*, sob a orientação de docente responsável.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



As oficinas são iniciadas com a apresentação da equipe palestrante que é integrada pelas acadêmicas e a nutricionista do hospital e das gestantes, objetivando criar vínculo com as futuras mães. Na apresentação as gestantes são convidadas a dizer seu nome, período gestacional, número de filhos e se já foi realizado outro US nessa mesma gestação.

Como material educativo audiovisual são utilizados cartazes com figuras de indígenas, para que as gestantes possam ter uma melhor visualização e compreensão dos pontos discutidos.

Durante as palestras são abordados os temas aleitamento materno exclusivo até os seis primeiros meses de vida, enfatizando que o bebê não precisa de outro alimento, pois o leite materno contém os nutrientes para seu desenvolvimento adequado e saudável. Busca-se uma abordagem simplificada, de maneira a enfatizar a importância do aleitamento materno exclusivo, de uma forma marcante, utilizando uma linguagem de fácil compreensão.

Em outro cartaz é abordado o tema da pega do mamilo, onde é demonstrada a maneira correta da pega do bebê ao seio da mãe. São explicadas as vantagens desta metodologia, de forma a evitar lesões no mamilo e conseqüentes dores durante as mamadas. Juntamente a este tema, é enfatizada a questão da higienização das mamas, além de cuidados durante a gestação para o preparo para o aleitamento.

Ainda é abordada a necessidade de alternar as mamas nas mamadas, de modo que o bebê não mame em apenas uma mama e até esvaziar a mama para ingerir todos os nutrientes possíveis contidos no leite materno.

Ao final de cada oficina é servido um lanche saudável às gestantes, acompanhado com uma receita de uma preparação saudável utilizando alimentos que fazem parte da cultura indígena, objetivando atingir, além da gestante e feto, toda a família.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante mencionar que se trata de um projeto que ainda está em andamento, porém é notória a satisfação das gestantes durante e após as oficinas. São freqüentes os relatos de intimidação da população indígena frente a questionamentos com não índios, assim como respostas evasivas. Porém, nestas oficinas ocorre o contrário, há uma excelente comunicação entre as gestantes e as palestrantes, onde as gestantes declaram suas experiências e expõem suas dúvidas.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



O relato da equipe de enfermagem que realiza o exame de US juntamente com o médico, é de que a participação das gestantes nas oficinas proporciona maior tranquilidade às mesmas, além de alegria e entusiasmo com a prática de aleitamento exclusivo.

CONCLUSÃO

A realização das oficinas sobre aleitamento materno no Hospital Porta da Esperança é de extrema importância para a população indígena, pois as participantes demonstram interesse no desenvolvimento das mesmas e no assunto abordado. A educação em saúde é um meio de conscientizar essa população que vem sofrendo graves mudanças em seus hábitos alimentares de buscar uma alimentação saudável em todas as etapas da vida.

AGRADECIMENTOS

À UFGD pela aprovação e financiamento do projeto *Assistência de Nutrição na Missão Evangélica Caiuá* e ao programa PIBEX / UFGD pela bolsa de extensão concedida à primeira autora e ao Ministério da Educação e Cultura pela aprovação e financiamento do Programa de Extensão “Assistência de nutrição a indígenas na região sul do estado do Mato Grosso do Sul” aprovado no Edital no 05 – PROEXT 2010.

BIBLIOGRAFIA

BRECAILO, M.K., CORSO, A.C.T., ALMEIDA, C.C.B., SCHMITZ., Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo em Guarapuava, Paraná. **Revista de Nutrição**, v..23, n.4, 2010.

ESCOBAR, A.L., SANTOS, R.V., JUNIOR, C.E.A.C. Avaliação Nutricional de crianças indígenas Pakaanova (Wari'), Rodonia, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materna Infantil**, v. 3, n. 4, p. 457- 461., 2003.

FUNASA. Vigilância alimentar e nutricional para os distritos sanitários especiais indígenas. Norma Técnica. 2007



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



LEITE, M.S., SANTOS, R.V., GUGELMIN, S.A., JUNIOR, C.E.A.C. Crescimento físico e perfil nutricional da população indígena Xavánte de Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v.22, n.2, p. 265-276, 2006.

MARQUES, E.S., COTTA, R.M.M., PRIORI, S.E. Mitos e crenças sobre o aleitamentomaterno. **Ciênc. saúde coletiva**, vol.16, n.5, 2011.

MOURA, P.G., BATISTA, L.R.V., MOREIRA, E.A.M. População indígena: uma reflexão sobre a influência da civilização urbana no estado nutricional e na saúde bucal. **Revista de Nutrição**, vol.23, no.3, p. 259-265, 2010.

MENEGOLLA, I.A., DRACHLER, M.L., RODRIGUES, I.H., SCHWINGEL, L.R., SCAPINELLO, E., PEDROSO, M.B., LEITE, J.C.C. Estado nutricional e fatores associados à estatura de crianças da Terra Indígena Guarita, sul do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v.22, n.2, p. 395-406, 2006.

MIRANDA, C.C. Terra indígena Nioaque: processo de formação sociopolítica, divisão da aldeia Água Branca e os momentos históricos vividos por este povo ao longo dos anos. **Revista Int. Desenvolvimento Local**, v.8, n.2, p. 243-49, 2007.

NEJAR, F.F., CORRÊA, A.M.S., REA, M.F., VIANA, R.P.T., PANIGASSI, G. Padrões de aleitamento materno e adquação energética. **Caderno de saúde Pública**, vol. 20, no. 1, 2004.

RIBAS, D.B., SGANZERLA, ZORZATTO, PHILIPPI, S.M.T. In: Saúde dos Povos Indígenas no Brasil: perspectivas atuais. **Cadernos de Saúde Pública**, v.17, n.2, p. 258-259, 2001.

SALVO, V.L.M.A., RODRIGUES, D., BARUZZI, R.G., PAGLIARO, H., GEMENO, S.G.A. Perfil metabólico e antropométrico dos Suyá. Parque Indígena do Xingu, Brasil Central. **Revista Brasileira. epidemiol.** vol.12, n..3, p. 458-68, 2009.

SANTOS, R.V. Crescimento físico e estado nutricional de populações indígenas brasileiras. **Caderno de Saúde Pública**, v.9, supl. 1, p. 46-57, 1993.



SANTOS, R.V., ESCOBAR, A.L. Os indígenas nos censos nacionais no Brasil. **Caderno Saúde Pública**, v.21, n.6, p. 1626-27, 2005.

SILVA, A.P., SOUZA, N. Prevalência do aleitamento materno. **Revista de Nutrição**, vol.18, no.3, 2005.

SPYRIDES, M.H.C., STRUCHINER, C.J., BARBOSA, M.T.S., KAC, G. Effect of predominant breastfeeding duration on infant growth: a prospective study using nonlinear mixed effect models. **J. Ped.**, v.84, n.3, p. 237-243, 2008.